

Masculinidade tóxica: curso na Bahia ajuda homens violentos a entrarem na linha

Notícias

Postado em: 19/07/2021 10:50

Especialistas asseguram que pensamentos machistas são embriões da violência contra a mulher. Aprenda a combatê-los O tempo médio de leitura desta matéria é de 10 minutos. Quando você chegar ao ponto final, 250 mulheres terão sofrido algum tipo de violência física ou moral em todo o Brasil. Na última semana, Pamela Holanda divulgou uma série de agressões que sofreu do ex-companheiro, o artista DJ Ivis. Foi uma comoção geral de homens repudiando as agressões nas suas redes sociais. Paladinos da justiça, se acalmem. Mesmo que você se gabe de nunca ter batido na sua companheira, não se exima da culpa. Especialistas asseguram que pensamentos machistas e tóxicos são os embriões da violência contra a mulher. Agora, sente na cadeira, abra uma cerveja e vamos conversar. É preciso cortar a masculinidade tóxica pela raiz. Segundo um estudo do Inteligência em Pesquisa e Consultoria (Ipec), 13,4 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência/assédio dos homens em 2020, 6% delas com agressões físicas. É como se 25 mulheres fossem vítimas, a cada minuto. O caso do DJ Ivis é apenas um grão em meio a um problema bem maior e que vem do berço. Sempre foi discutido o lado da mulher na violência doméstica. Agora, especialistas querem enxergar a visão do homem no tema. Não pela culpabilidade. A culpa é nossa, somente nossa, e ponto. A questão aqui é tentar enxergar o que leva um “macho alfa” a se achar no direito de reprimir o sexo oposto. É aí que entra o que ensinaremos para as futuras gerações. O machismo é hereditário, passado de pai para filho, além de um multiplicador tóxico deste tipo de violência contra a mulher. Se colocamos na cabeça de uma criança que a mulher é submissa, que nasceu apenas para lavar louças e servir ao marido, ele pode levar isso para sua vida, o que acarreta numa bola de neve desastrosa. Ele vai acreditar nisso e reprimir a mulher, passando de pai pra filho. Um contexto que também pode ser o gatilho para o mal maior: o feminicídio. Somente em 2020, 113 mulheres foram vítimas de feminicídio no estado, segundo a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA). Como se não bastasse, o inimigo geralmente dorme ao lado. Destes assassinatos, 81,4% foram de autoria dos próprios companheiros ou ex-companheiros da vítima. Se a cultura machista não muda no Brasil, sobra para o Estado resolver o problema. Na Bahia, a Defensoria Pública (DPE-BA) e o Tribunal de Justiça (TJ-BA) têm projetos de reflexão multidisciplinar com homens que já praticaram algum tipo de violência doméstica o objetivo é desconstruir o machismo e a masculinidade tóxica. "A violência não pode ser uma forma de linguagem. Mas muitos homens aprendem a se comunicar assim desde cedo e nem sabem explicar direito a razão de estarem se comportando dessa maneira", explica o psicólogo da roda de reflexão na sede da DPE/BA em Alagoinhas, Natan Reis. "Nos pedem desde pequeno: 'seja homem!', 'Homem não chora', 'homens são fortes, mulheres não'. A partir daí, nasce o peso que pode acompanhar a vida toda de um menino: provar que é um 'homem de verdade'. Conhecemos isto como masculinidade tóxica e precisamos combater", completa Natan. Adão Alagoinhas é a única cidade baiana que possui esse serviço de resgate e entendimento do agressor. Um dos homens que participaram da roda em Alagoinhas topou conversar conosco sobre sua experiência no projeto da Defensoria Pública. Vamos chamá-lo de Adão. Era um sábado

qualquer em 2018. Adão discutia feio com sua companheira. Após perceber que ele estava alterado, a mulher correu para o quarto na tentativa de se trancar lá. Antes, porém, ele chutou a porta, que bateu no rosto dela e a fez cair no chão. Machucou muito. Ela denunciou e foram seis meses de medida protetiva contra Adão. “Foi difícil colocar na minha cabeça que o erro foi exclusivamente meu. Eu justificava o que eu fazia. Nunca era culpa minha. Foi o machismo que aprendi na vida, da minha postura e dos meus atos. É difícil falar, pois me envergonha a pessoa que eu era. Hoje digo que sou um multiplicador que busca mostrar para outro homem o quanto estamos errados”, diz Adão. “Os profissionais do grupo nos ajudam nas mudanças de pensamento e postura. A gente renasce”, completa. Conhecido como Grupo Reflexivo para Homens, o projeto em Alagoinhas começou em 2019 com uma turma de 12 homens que praticaram algum tipo de agressão contra a mulher. Antes da pandemia, a turma se reunia para trabalhos multidisciplinares e de reflexão sobre a ausência de educação emocional, masculinidade tóxica, além do machismo. Segundo Natan Reis, todos os homens chegam desconfiados e com um discurso semelhante: justificar a violência. “Todo homem envolvido em algum tipo de violência acaba tentando justificar o ato. Ele tenta ainda se colocar neste lugar, alegando que existia uma razão para que ele fizesse isso. O mecanismo que utilizamos nos grupos reflexivos é esta desconstrução, ampliando conhecimento sobre a masculinidade tóxica e os efeitos negativos dela na vida do homem. Nosso objetivo também é que estes homens passem a ser multiplicadores dessas ideias”, revela Natan, que acompanhou Adão na recuperação. Adão parece ter aprendido a lição. “Justifiquei a violência no álcool. Parei de beber, mas não é a bebida que agride a mulher. É o homem, fui eu. Continuo sem beber, mas sabendo que a agressão partiu de mim”, explica. Após a reunião, Adão teve o perdão da companheira. “Somos felizes sem o machismo na nossa casa”, completa. Os encontros têm surtido efeito. Segundo a doutora Jamara Saldanha, defensora pública na 2ª Vara Criminal de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e Execução de Medidas Protetivas de Urgência de Alagoinhas, das duas turmas do projeto, o número de reincidência é zero. “Eles entram desconfiados, achando que será mais uma forma de punição. Alguns acreditam que a Lei Maria da Penha não foi feita para proteger a mulher, mas para punir o homem de forma geral. Porém, alguns relataram que, depois do grupo, eles se sentem incomodados até com piadas machistas na roda de amigos, muitas vezes se retirando do lugar. Tem sido muito proveitoso”, completa. A segunda turma teve sua última reunião no dia 22 de abril deste ano, por meio virtual, por conta da covid-19. A próxima reunião está prevista para o próximo mês, ainda sem data definida. Jamara acredita que apenas a punição não resolve. É preciso buscar a solução dentro da cabeça dos agressores. A lei precisa ser aplicada, assim como a recuperação do condenado para que não volte a cometer violência e tenha a consciência de que sua ação está errada. Quando um agressor chega na Defensoria, ele está procurando um advogado para se defender, pois geralmente não possui recursos. A DP oferece o apoio jurídico, mas também convida o agressor a participar das reuniões. “Apenas uma punição na vara criminal não estava dando o retorno à sociedade. O que vemos é que o número de violência contra a mulher vem aumentando ano a ano. A gente precisava ir além do atendimento criminal e da defesa no processo. A rede de apoio à mulher está se consolidando, mas não estava tendo um olhar para o agressor, um olhar de recuperação. A gente entende que também tem que incluir o homem neste enfrentamento. É preciso ofertar a estes homens a consciência sobre masculinidade tóxica, pontuando a importância da responsabilização. É uma recuperação social e de consciência”, defende Jamara. Desde março do ano passado, os grupos reflexivos foram inseridos como medida protetiva e obrigatória para os homens agressores. Está lá, no artigo 22 da Lei 11.340/2006, mais conhecido como Maria da Penha. O juiz pode determinar o “comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação; e acompanhamento psicossocial do agressor, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio”, diz a redação. Contudo, por conta da pandemia, esta nova medida ainda não foi colocada em prática no país. Femicídio

De fato, o feminicídio vem crescendo a cada ano na Bahia. Na pesquisa recém-divulgada pela

SSP-Ba, de 2017 a 2020, o número de assassinatos de mulheres pela sua condição cresceu 52,7%, somando um total de 364 mortes durante estes anos. É como se uma mulher fosse morta a cada quatro dias, por ser mulher. Vale lembrar que o feminicídio é um tipo de homicídio em que a vítima é morta por ser do sexo feminino. Uma mulher envolvida em outro crime, como latrocínio (roubo seguido de morte), não entra nesses dados. O Tribunal de Justiça do Estado da Bahia também tem um encontro com homens que cometeram violência doméstica. Para a assistente social da 3ª Vara de Violência Doméstica e Familiar, Lunécia Almeida, agressores ainda têm resistência nas reuniões, principalmente no início. Para eles, a medida é mais uma maneira de puni-los. É um processo lento, mas que pode render bons frutos. "O primeiro encontro do grupo é conflituoso, eles não sabem o que é o grupo, chegam com pastas cheias de documentos, explicando que está pagando pelo que não fez. Daí a equipe de profissionais esclarece sobre o grupo e a dinâmica. Então eles ficam menos resistentes ao trabalho", conta a assistente. "O primeiro encontro contamos com a presença da juíza, que explica a necessidade dessa reconstrução e eliminação da masculinidade tóxica. Uma atividade interessante é o "dever de casa", durante a semana, eles observam na comunidade, no trabalho e em casa atitudes e falas que expressam formas de violência contra a mulher", completa Lucécia. O grupo está suspenso por conta do coronavírus. Infelizmente, agressores não pararam durante a pandemia. Ao contrário. Segundo dados do projeto Justiceiras, criado há um ano pela promotora de Justiça Gabriela Manssur, voltado para o acolhimento de mulheres vítimas de violência doméstica pelo país, o número de casos de violência doméstica duplicou em um ano de pandemia. Pode ainda ser pior. O fato de o homem estar mais em casa, pode ter inibido mais denúncias, de acordo com o projeto. Então, caso desconfie que sua vizinha ou qualquer outra mulher esteja sofrendo violência, ligue para 100 ou 180. Aos homens da geração millenials, o que estamos deixando de bom para a geração Z? É preciso impedir que o machismo e a masculinidade tóxica continuem sendo passados de geração em geração. Não adianta repudiar DJ Ivis se ainda achamos que lugar de mulher é na cozinha ou cuidando do lar. Dizer que homem não veste rosa, não chora ou não brinca de boneca também não ajuda. O fim da violência contra a mulher começa em casa com atos que podem ser pequenos gestos de um homem, mas uma grande evolução para a humanidade. Violência contra mulher em números

Registro de denúncias de violência contra mulher no Brasil (2020): 105.821

Registro de denúncias de violência contra mulher na Bahia (2020): 6.449

Fonte: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Violência contra mulher na Bahia Casos de feminicídio na Bahia nos últimos anos

2017 - 74

2018 - 76

2019 - 101

2020 - 113

Total – 364 Números de casos de feminicídios em 2020, mês a mês

Jan - 9

Fev - 9

Mar - 9

Abr - 10

Mai - 15

Jun - 6

Jul - 9

Ago - 0

Set - 9

Out - 15

Nov - 10

Dez – 12 Locais que ocorreram o feminicídio em 2020

Domicílio – 83,9%
Via pública – 5,4%
Outros – 10,7%

Principais faixa etárias das vítimas em 2020

30 a 39 anos – 32,1%

40 a 49 anos – 24,8%

20 a 24 anos – 14,7% Femicídio por autoria em 2020

Companheiro ou ex-companheiro - 1,4%

Namorado – 15,7%

Parente – 2%

Outros – 1% Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (2021) Principais frases

da masculinidade tóxica

Homem não chora.

Homem não usa rosa.

É normal homem trair, mulher não.

O que não acha em casa, o homem procura na rua.

Só o homem gosta de sexo.

Homem não nega sexo.

Brincar de boneca é coisa de menina.

Todo homem gosta de mulher, futebol e cerveja.

Homem não faz serviço doméstico.

Homem trabalha, mulher cuida da casa.

Lugar de mulher é na cozinha.

O homem que manda dentro de casa.

Homem que gosta de balé é gay Glossário Masculinidade tóxica: uma série de estereótipos nocivos em torno da masculinidade, como o de que homens devem ser fortes, independentes, durões e superiores ao “sexo frágil”, neste caso a mulher. Machismo: Uma postura preconceituosa, sempre expressada por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os sexos, entendendo sempre que há uma posição hierárquica entre homem e mulher. Fonte: Correio da Bahia